



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 12, n. 2, p. 115-131, maio /ago. 2017

**“Eles querem acabar com a família”:
o conservadorismo protagonizando a atribuição de sentidos**

**“Ellos quieren acabar con la familia”:
el conservadurismo desempeñando el papel principal en la atribución de
sentidos**

**“They want to destroy the family”:
conservatism playing the lead role in meaning attribution**

Marcia Perencin Tondato

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM (São Paulo)
Docente PPGCom da ESPM. Doutora pela ECA-USP (2004), Bacharel em publicidade pela UMESP (1998). Livros publicados: A telenovela nas relações de Comunicação e Consumo - diálogos Brasil e Portugal (Org.), Paco Editorial, 2013; Mulheres do Sol e da Lua – a televisão e a mulher no trabalho, UFG/PUC-Go, 2012; A televisão em busca da interatividade. Casa das Musas (2009). Artigos em diversos periódicos e coletâneas acadêmicas. Pós-doutoranda na UnB. mtondato@espm.br

RESUMO

Aqui discuto a relação ficção-realidade do ponto de vista da reafirmação de uma posição moralista conservadora da parte de blogs e editoriais a respeito da queda de audiência das telenovelas exibidas em canal aberto na primeira década dos anos 2000. Para tanto trago a telenovela “Babilônia” (Globo, 2015), que, entre outros temas também polêmicos, tratou do lesbianismo entre idosas. Tal reflexão é importante em um momento em que ganham visibilidade mobilizações em defesa da diversidade – étnica, religiosa, de gênero, além da valorização do idoso como sujeito-consumidor. Um “sujeito” a quem é cobrado vitalidade e dinamismo, contanto que responda adequadamente aos padrões de comportamento historicamente atribuídos ao seu status etário, de ser modelo, exemplo, “vigilante da moral e dos bons costumes”.

Palavras-chave: comunicação; telenovela; recepção; conservadorismo; preconceito.

RESUMEN

Aquí hablo sobre la relación ficción-realidad desde el punto de vista de la reafirmación de una posición moralista conservador de discursos de *blogs* y editoriales acerca de la caída de audiencia de las telenovelas llevadas en canal abierto en la primera década de los años 2000. Por lo tanto traigo la telenovela “Babilonia” (Globo, 2015), que, entre otras cosas, exploró el lesbianismo entre adultos mayores. Es importante discutir los ataques hechos en un momento en que la sociedad se moviliza en defensa del respeto a la diversidad - étnica, religiosa, de género, además de la valoración del adulto mayor como sujeto-consumidor. Un “sujeto” al que se le exige vitalidad, dinamismo, siempre que actúe de acuerdo con los padrones de comportamiento históricamente atribuidos a su status de edad, de ser modelo, ejemplo, “vigilante de la moral y de las buenas costumbres”.

Palabras clave: comunicación; telenovela; recepción; conservadurismo; prejuicio.

ABSTRACT

Here I discuss the relation fiction-reality from the point of view of a conservative and moralistic position of blogs and editorials speeches about the fall of audience of telenovelas shown on open signal TV in the first decade of the 2000s. For that I bring the telenovela “Babilônia” (Globo, 2015), that, among other polemic subjects, explored the lesbianism among the elderly. It is important to discuss the attacks made in a moment in which society is mobilized in defense of the respect to diversity – ethnic, religious, of gender, besides the promotion of the elderly as subject-consumer. A “subject” who has to be vigorous and enthusiastic, so far she properly answers to behavior patterns historically assigned to her age status, of being a model, an example, “caring for social mores”.

Keywords: communication; telenovela; audience; conservatism; prejudice.

Telenovela e moralismo

1989. A novela é “Tieta” (Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares¹, Rede Globo, 20h). Na cena, Cinira (Rosane Gofman) e Amorzinho (Lília Cabral) assistem à televisão em companhia de Dona Milu (Miriam Pires), que, em seu canto e com sua característica sinceridade, não deixa de fazer comentários à altura do que presencia. O pequeno aparelho no qual as duas moças recatadas fixam os olhos mostra um homem nu, apenas com as partes mais íntimas cobertas por uma toalha de banho. A expressão nos rostos das jovens é de desejo. O discurso, ao contrário, é de reprovação.²

— Como é que pode colocar um homem nu, assim, na casa de família temente a Deus? — esbraveja Cinira, em tom de questionamento.

— Ah, deixe de cinismo! Ô, meu Deus do céu! Tu tá falando, mas tu foi aí pra perto pra ver — interpela Dona Milu.

— É que eu quero ver pra crer, Dona Milu — explica Cinira, com o corpo estremecendo, tipo de ataque que lhe é peculiar.

— Perpétua é que tem razão: televisão é coisa do “rabudo”. Eles querem acabar com a família — arremata Amorzinho.

A essa altura, Dona Milu sentencia:

— Ô, deixe disso. Vocês duas estão é gostando. Onde já se viu homem nu acabar com família? Vocês precisavam ver era o Osnar, quando chegou aqui um dia, todo bêbado, e que Carmosina teve que... Aliás, se fosse com Osnar, tinha que usar era duas toalhas.

A sequência hilariante, transformada em viral³ 16 anos após sua exibição, retrata um moralismo fundado na dinâmica social objetiva do *homo faber* definido por Arendt (2010, p. 193), que separa utilidade de significância, esta sendo permanente. Uma permanência que não cabe na contemporaneidade, e muito menos em questões polêmicas, para não dizer “tabus”, aquelas tratadas nas telenovelas que se utilizam de temáticas sociais como estratégias comunicacionais, especialmente pela Rede Globo.

No âmbito da recepção, os sentidos aí produzidos resultam de uma subjetividade que é produto do universo de discursos no qual o indivíduo está inserido (Baccega, 1995), a produção televisiva tornando-se, em última análise, “espelho de uma época”. Por outro lado, mesmo sendo “espelho”, a telenovela brasileira, desde sua modernização com “Beto Rockefeller” (Bráulio Pedrosa e Cassiano Gabus Mendes, Rede Tupi, 1968), é “espaço de problematização do país”, uma linha de força na construção de uma sociedade multicultural (Lopes, 2009), representando reforço, mas também resistência, no campo das transformações sociais.

Na esfera das personagens femininas, Lopes (2009, p. 28) sinaliza movimentos de transgressão e conformismo, numa ambivalência que confere à novela um “efeito de credibilidade”, pondo em circulação “mensagens sobre a tolerância, o direito à diferença e os direitos das minorias”. Como um “novo espaço público”, a novela tem o “potencial de sintetizar os imaginários de uma nação”, ao mesmo tempo em que promove uma *agenda setting*, “a lógica das relações pessoais e familiares presidindo a narrativa dos problemas sociais” (Lopes, 2009, p. 27, 31). Mas desde que sejam respeitados limites impostos pela tradição conservadora estabelecidos pelas instituições, entre elas a Igreja.

Ao estudar a comunicação que se estabelece entre as novelas e o público brasileiro, pode-se perceber que a religião e a religiosidade são fortes componentes da construção do *habitus moral* construído pela novela nacional no curso de seus 46 anos de diálogo com o público. As interpretações e o julgamento das personagens estudados nas pesquisas de recepção apresentam diferenças segundo os respondentes sejam católicos, protestantes ou professsem outras crenças. Estas diferenças atravessam todas as classes sociais, gêneros e gerações. (Junqueira; Tondato, 2009, p. 183)

Junqueira e Tondato (2009, p. 193) apontam que “o número de tramas que se enredam nas histórias é cada vez mais numeroso”, possibilitando a renovação de esquemas narrativos, linguagens e temáticas. Aí “se desenvolvem alternativas de construção dos personagens, e conseqüentemente, diversifica-se o tratamento das questões perceptivas, afetivas e morais presentes nas interações sociais”, alargando, entretanto, o uso das estereotípias na medida da limitação do gênero para o vanguardismo.

Segundo as mesmas autoras, a comunicação da telenovela, como “espaço de discussão sobre questões éticas e morais”, sempre se dá no âmbito do emocional, “do afetivo, do subjetivo, caracterizado sobretudo por situações na esfera da família”. “Nesse sentido, a recepção dos conteúdos pode ser pensada como a construção de um equilíbrio entre a força das matrizes construídas no *habitus*, e os contextos sociais de audiência, e variações individuais de interpretação, projeção e identificação”. (Junqueira; Tondato, *idem*)

Retornando ao conceito de “espelho”, desde a década de 1960 as tramas telenovelistas são também sinalizadoras de transformação dos valores sociais. Entre esses tomamos o tratamento ficcional dado ao lesbianismo, há tempos sendo “ensaiado”, constituindo-se argumento para “matar lésbicas” em acidentes ou incêndios (Ribeiro, 2004), e mais recentemente, como explicação para a queda nos índices de audiência de uma emissora modelo de produção ficcional seriada televisiva. Explicação que ignora que a dinâmica de consumo midiático mudou drasticamente não só devido às tecnologias digitais móveis, mas porque o mundo mudou, pelo menos nos aspectos mais diretamente ligados ao processo de atribuição de sentido como um todo.

Exceção foi o casal Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) destaque de “Em Família” (Manoel Carlos, Rede Globo, 2014), a princípio rejeitado pelo público, porém mais pelo fato de Clara abandonar o marido doente e o filho pequeno para viver um romance do que ser esse com uma mulher (Medeiros, 2014). Rejeição que foi esquecida quando do casamento nos últimos capítulos, elevando o Ibope da novela e ainda rendendo elogios vários nas redes sociais e entre celebridades.

Clara e Marina protagonizaram dois beijos, sem muita polêmica ou repercussão se comparados ao primeiro beijo *gay* na Rede Globo concretizado no último capítulo de “Amor à Vida” (Walcy Carrasco, 2013), em março de 2014, entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Frago). Diferentemente do outro beijo entre mulheres, encenado em “Amor e Revolução” (Tiago Santiago, SBT, 2011) entre Marina (Gisele Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini), que, ainda que em uma escala menor do que talvez se tivesse acontecido em uma produção da Rede Globo foi comentado em *sites*, programas de fofocas, entrevistas, *videologs*.

O quadro I ilustra o histórico das representações ficcionais de casais homo afetivos encenando beijos e protagonizando casamentos, do que destaco a timidez das ocorrências

nas décadas de 1960/70/80, ausência nos anos 1990, para enfim, ser assumido como pauta de transformação nos anos 2000s.

Quadro I – Telenovelas com beijos e casamentos protagonizados por casais homoafetivos		
Ano/emissora	Título/autor	Personagens/atrizes - Caracterização
1963/ TV Tupi-SP (teleteatro TV de Vanguarda)	<i>Calúnia</i> / Walter Durst e Benjamin Cattán	Vida Alves vive uma professora lésbica que se apaixona pela colega de profissão, Geórgia Gomide.
1975/Globo	<i>O Rebu</i> / Bráulio Pedroso	Fica sugerido que Roberta (Regina Viana) e Glorinha (Isabel Ribeiro) terminam juntas. Marco da estreia de personagens lésbicas na Rede Globo.
1979/Globo	<i>Malu Mulher</i> / Daniel Filho	Maria (Ângela Leal) se apaixona por Malu (Regina Duarte), mas não é correspondida.
1981/Globo	<i>Ciranda de Pedra</i> / Teixeira Filho	Letícia (Mônica Torres) era lésbica, nos rígidos anos 1940.
2003/Globo	<i>Celebridade</i> / Gilberto Braga	Laura (Claudia Abreu) era bi e teve um caso com Dora (Renata Sorrah).
2003/Globo	<i>Mulheres Apaixonadas</i> / Manoel Carlos	Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), lésbicas <i>teens</i> , terminam juntas, se beijando (“selinho”) no palco enquanto encarnavam, respectivamente, Julieta e Romeu.
2005/Globo	<i>Belíssima</i> / Silvio de Abreu	Rebeca (Carolina Ferraz) ficou com Karen (Mônica Torres).
2004/Globo	<i>Senhora do Destino</i> / Aguinaldo Silva	Eleonora (Mylla Christie) e Jennifer (Bárbara Borges) têm um final feliz.
2008/Globo	<i>A Favorita</i> / João Emanuel Carneiro	Catarina (Lília Cabral) largou o marido e foi morar com Stela (Paula Burlamaqui).
2011/SBT	<i>Amor e Revolução</i> / Tiago Santiago	Marina (Gisele Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini) – primeiro beijo <i>gay</i> entre lésbicas.
2014/Globo	<i>Em Família</i> / Manoel Carlos	Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) se casam e têm um final feliz.

Fonte: (Santana, 2009; Fernandes, 2013; Fernandes; Brandão, 2013; Ferreira de Souza, 2014; Silva et. al, 2014).

Mas também tivemos “Torre de Babel” (Silvio de Abreu, Rede Globo, 1998), cuja queda nos índices de audiência, embora a princípio atribuída às severas críticas “pela população e pelos *media* por reunir na trama diferentes assuntos polêmicos como uso de drogas, violência doméstica e lesbianismo”, foi solucionada com a extinção dos “personagens que causavam polêmica e dentre eles o casal lésbico protagonizado por duas consagradas atrizes”, Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torloni) (SANTANA, 2009, p. 8). Uma decisão radical, entre tantas mudanças feitas em decorrência da resistência do público a tal representação, conforme mostra o Quadro II.

Quadro II – Tramas alteradas devido a presença de personagens lésbicas

Ano/emis-sora	Título/autor	Personagens/atrizes - Caracterização
1979/ Globo	Os Gigantes/ Lauro César Muniz	Paloma Gurgel (Dina Sfat) foi uma personagem ambígua, forte e liberal, que se mostrou capaz de assumir um romance com a jovem veterinária Renata (Lídia Brondi), situação até hoje indefinida - censurada na novela.
1986/ Globo	Anos Dourados/ Gilberto Braga	Marina (Bianca Byington) terminou “vivendo em Nova York há anos, com sua companheira”, segundo a narração.
1976/ Globo	Selva de Pedra/ Regina Braga (regravação)	Cristiane Torloni (Fernanda) e Beth Goulart (Cintia Vilhena) cruzam olhares à beira da piscina. Um romance que foi vetado.
1995/ Globo	Engraçadinha/ Leopoldo Serran (adaptação)	A infeliz Leticia (Maria Luíza Mendonça) vivia rastejando pelo amor de sua prima Engraçadinha (Alessandra Negrini e Cláudia Raia).
1997/ Globo	A Indomada/ Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares	Zenilda (Renata Sorrah) gostava de “fazer a contabilidade” ao lado de Vieira (Catarina Abdalla).
1998/ Globo	Torre de Babel/ Silvio de Abreu	As lésbicas Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torloni) são mortas na explosão do shopping, cenário da trama.
2008/ Globo	Ciranda de Pedra/ Alcides Nogueira	No remake, a tenista Leticia (Paola Oliveira) não teve sua sexualidade desenvolvida, ao contrário do livro e até da novela original.

Fonte: (Santana, 2009; Fernandes, 2013; Fernandes; Brandão, 2013; Ferreira de Souza, 2014; Silva et. al, 2014).

Conservadorismo: o que “pesa” mais, gênero ou idade?

A distribuição fragmentária do tempo característica da teledramaturgia permite um consumo que regula a vida diária (Motter, 1996). Ao mesmo tempo em que proporciona uma redefinição histórica do “familiar”, a novela também apresentaria os acontecimentos diários de uma forma dramática, porém sem angústia, distinguindo desta forma o que é real e o que é irreal (Mazzioti; Frey-Vor, 1996). Entretanto, nos primórdios da história da TV, antes da descoberta da magia dos índices de audiência, telespectadores já manifestavam sua rejeição aos personagens atacando-os nas ruas, anunciando quão tênues seriam as distinções entre realidade e ficção para os públicos.

Frequentemente assistimos, no digital, a um movimento semelhante, com a diferença de que nos primórdios as fãs se aglomeravam à saída dos estúdios para expressarem seu descontentamento, abordando os artistas, que se tornavam vítimas da conduta de seus personagens. Uma reação que hoje ultrapassa o fã-clubes, por vias das redes digitais, chegando a públicos nem tão assíduos ao ficcional, resultando comentários por vezes imprudentes, e que são difundidos em uma escala antes impensável, afetando as relações entre produção e recepção de maneira muito mais incisiva.

Adentrando o caso empírico de “Babilônia” (2015, Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, Rede Globo, 21h30), embora haja um movimento em prol da diversidade e da tolerância, bastou a relação homo afetiva entre duas idosas, Teresa Petruccelli (Fernanda Montenegro) e Estela Marcondes (Nathália Timberg), ser explicitada para que o fenômeno de queda de audiência das produções “globais”, que vinha ocorrendo já há algum tempo (Guedin, 2015), fosse a isso atribuído.

Teresa Petruccelli e Estela Marcondes são personagens coadjuvantes ligadas ao núcleo central da trama. Logo no primeiro capítulo, divergindo da sinalização de tramas

caracterizadas pela maldade gratuita, traição, vingança, inveja, orgulho, chantagem, corrupção, as duas tocam os lábios (“um selinho”) em um momento de ternura. Um “beijo” que, embora não tenha sido o primeiro beijo gay da Rede Globo, foi ao ar precedido por grande expectativa, aparentemente pelo valor das duas atrizes no teatro e na televisão brasileira, mas, veladamente, por acontecer entre duas senhoras idosas.

Em princípio a história das duas, iniciada há mais de 30 anos quando Estela deixou o marido para ir viver com seu “grande amor”, deveria transcorrer sem problematizações de gênero, porém, ocorrências em torno das “idosas lésbicas” mostraram nítido intento do autor em debater o preconceito. Também no 1º capítulo, ambientado em 2005, Teresa é chamada na escola onde Rafael Petruccelli (Chay Suede), que criam como filho, estuda e é orientada pela diretora a pedir ao garoto que a chame de “tia”, para evitar constrangimentos junto aos colegas que não entendem porque o garoto diz ter duas mães.

Já em 2015, na 2ª fase da história, não raramente o casal se vê em situações que chamam a atenção do telespectador para o preconceito do qual casais em união homoafetiva são alvos (é a vizinha que diz não ter nada contra, mas não acha “normal” e que prefere não vê-las juntas; são as ofensas na inauguração do restaurante da “depravada mais famosa do Brasil”; etc.). (Bittencourt, 2015)

A essa se juntam outras histórias também suscitadoras de discursos de reprovação. Na 2ª fase, Beatriz (Glória Pires), filha de Estela, se revela uma ninfomaniaca; Alice (Sophie Charlotte), filha de Inês (Adriana Esteves) arqui-inimiga de Beatriz, num ímpeto de raiva, revida um tapa dado pela mãe ao saber que a filha está grávida de um segurança, desfazendo a ambição de ser sogra de um milionário. Decorrente disso, Alice sofre um aborto “espontâneo”. Em outro núcleo, Rosângela (Jurema Reis), empregada na casa do prefeito evangélico Aderbal (Marcos Palmeira), engravidada do mesmo, que a obriga a fazer um aborto.

Isso como cenário, a audiência de “Babilônia” despencou consideravelmente nas duas primeiras semanas. Partiu de 32,8 pontos no Ibope (Grande SP) – já considerado um dos piores índices do horário para a emissora – atingindo a margem mínima de 24,9, abaixo dos 26,2 pontos registrados por “Alto Astral” (Daniel Ortiz, 19h, 2014). Em quatro de abril de 2015, “Babilônia” registrou 20,2 pontos na Grande São Paulo, um recorde negativo, o pior desempenho de uma trama das 21h aos sábados. Só não foi a pior porque “Salve Jorge” (2012) e “Esperança” (2002) atingiram 18 pontos.

A reação da emissora foi promover mudanças nas tramas paralelas e nos perfis de alguns personagens. Alice não se tornou uma prostituta, visto isso implicar em cenas consideradas como “mau exemplo”. Também foram alteradas as tramas envolvendo maldade, violência e corrupção, pela necessidade de adequação à “classificação indicativa”. Beatriz diminuiu seus “ataques” aos homens; o grafismo da abertura foi clareado; demonstrações de afeto entre Teresa e Estela foram cortadas, mudanças menos radicais do que as relatadas no quadro II, embora encubram preconceitos velados, como discuto mais adiante.

Com isso a audiência melhorou, e até “disparou” em algumas regiões do país, segundo Moraes (2015). Se a antecipação do segredo envolvendo as vilãs Beatriz e Inês, as consequências da divulgação do vídeo de Beatriz beijando seu motorista e amante Cristovão (Val Perré) e a tentativa de assassinato de Inês, tiraram a novela da monotonia, também privaram o espectador de um intervalo para a reflexão sobre “as estratégias da história e, também, sua própria vida” (Costa, 2000, p. 64). Ficção é sonho, o agendamento até sendo possível, contanto que se respeite um tempo de maturação, assimilação, apropriação pelos

públicos, no caso com maior concentração de pessoas acima de 35 anos, de nível socioeconômico da classe C (Lopes; Greco, 2016, p. 158). Provavelmente contribuindo também para a não-aceitação da história entre Teresa e Estela.

Também Stycer (2015) criticou algumas das mudanças impostas aos protagonistas de histórias paralelas que se mostravam de grande potencial dramático. Além da “amenização” ou até completa modificação dos perfis do cafetão Murilo (Bruno Gagliasso) e da patricinha Alice, a história de Carlos Alberto (Marcos Pasquim), destinado a namorar Ivan (Marcello Melo), também foi “suavizada” a exemplo do casal Estela e Teresa; bem como foi “apagado” o lado ninfomaníaco da vilã Beatriz, que se apaixonou por Diogo (Thiago Martins), e voltou a ser inimiga da vilã Inês, porém sem a frieza habitual.

Modo geral, a reação da equipe diretamente envolvida, incluindo o autor Gilberto Braga, foi de que “o politicamente correto tomou conta da sociedade” (Castro, 2015c). Um argumento consistente que somado aos outros temas pungentes como corrupção e violência em diversos sentidos, trazidos em “Babilônia”, promoveu uma catarse, característica do gênero (Costa, 2000; Lopes, 2004), em um momento de muita fragilidade da população. Blogueiros profissionais comentaram à época que Gilberto Braga ignorou “o cenário brasileiro e inundou o primeiro capítulo de sua novela com temas de difícil digestão para uma audiência em crise moral”, resultando que a “decepção com o governo envolvido em corrupção, deu espaço para a proliferação do pensamento conservador” (Arantes, 2015).

Gilberto Braga, logicamente, assumiu uma posição de defesa afirmando que “o espectador não está preparado para ver carinhos físicos entre pessoas do mesmo sexo” (Autor, 2015), responsabilizando os paulistas e a Rede Globo pelo alcunhado “fracasso” de “Babilônia” (Gilberto, 2015). Segundo o autor, o beijo gay, as cenas de sexo entre Beatriz e seus parceiros, a história de Alice tornando-se uma garota de programa já constavam da sinopse. Daí a responsabilidade da emissora, que deveria, segundo o mesmo, tê-lo alertado sobre a possível repercussão negativa. Em “Império”, novela anterior, diferentemente de Gilberto Braga, o autor Aguinaldo Silva responsabilizou os personagens gays, Cláudio (José Mayer) e Leonardo (Klebber Toledo), pela queda de audiência, argumentando que “parte do público não tem interesse em acompanhar”.

Os dois episódios, embora com diferentes características, são relevadores da dicotomia entre a maneira como as emissoras e os autores ainda percebem seus públicos e a dinâmica social. Do lado da “emissão”, a perspectiva é a certeza de conhecer o “gosto do público” e ser capaz de atraí-lo com doses de inovação. Porém, na medida em que ficção sempre foi e sempre será “sonho”, e que o espectador não quer ver a realidade adentrar sua casa no seu momento de relaxamento, fica claro que é preciso levar em consideração a complexidade da sociedade e suas relações com o midiático.

Articelistas argumentam que a novela deveria ser também espaço de exposição das mazelas da sociedade, que “a ideia dos autores é [...] ver aonde levam os vários comportamentos [...] o ser humano, em vez de progredir, parece que regride. Se estamos apresentando uma sociedade doente, é a nossa, infelizmente” (Serra, 2015). Entretanto, há tempos sabe-se que não há lugar para o vanguardismo na TV aberta, muito menos no horário nobre. Isso aliado ao momento político-institucional, com o noticiário pautado por escândalos de corrupção, reproduzidos na ficção, um momento que devia ser de relaxamento se torna extensão do conteúdo dos telejornais (Lima, 2015), como ilustrado nos comentários a seguir:

É uma pouca vergonha!!! Já temos tragédias demais em outros programas pra ter que ligar a tv e ver esse lixo. Se eu quiser ver tragédia ligo no horário do jornal. Isso sem falar no resto que a novela passa, né. Pois na Globo não existem valores.

Já vemos tanta violência e injustiça no nosso dia-a-dia, que quando chegamos em (sic) casa queremos assistir algo que não nos façam lembrar a dura realidade em que vivemos...muitas vezes prefiro nem assistir televisão!!

O resultado foi a exacerbação de discussões sobre ética e honestidade, no caso das telenovelas pautadas pelo moralismo, reforçando posições conservadoras a respeito das relações de gênero, transformadas em “bode expiatórios” de preconceitos contra os idosos.

O preconceito velado. O repúdio é maior em relação à idade do que ao gênero

Da mesma forma que o autor se defende atribuindo à emissora parte da responsabilidade pela queda de audiência, também o público se manifesta nesse sentido. Entretanto, é preocupante o que nos aponta a leitura das entrelinhas dos comentários a seguir reproduzidos: um conservadorismo que vai muito além da compreensão da trama, revelando o desejo de uma atuação da emissora de forma mais expressiva no teor moral das obras, no próprio processo criativo. Em outras palavras, praticamente pedindo uma ação de censura.

[...] a Globo esta cada dia pior com suas novelas das 21:00 horas. Estamos cansados dos autores explorarem a degradação das famílias. O Rei do Gado que já passou tem mais audiência. Faz tempo que não temos uma novela [...] com decência, moralidade e que reflita a realidade das famílias normais. Muitos que comentam também estão vendo outros canais, não estamos aguentando mais estas novelas e alguns programas como BBB, Zorra Total. Chega sábado à noite, se não saímos, temos que assistir um filme porque impossível ver a programação da Globo. [...] As novelas da Globo só serve(m) para destruir as famílias. Então quem ama sua família não assiste de jeito nenhum.⁴

Rede Globo tem que ser indiciada por atentado ao pudor.⁵

Tais reações, entretanto, também refletem especulações acerca da queda nos índices de audiência que circularam em artigos especializados e *blogs*, concentradas em motivações moralistas de fundo religioso, validadas pela nota de repúdio ao beijo protagonizado por Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, emitida pelo deputado federal João Campos, líder da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional.

Ação e reação, embora sonho, a recepção de uma telenovela implica em envolvimento com a história. Normalmente os espectadores “leem a novela fazendo comparações com sua vida pessoal, [...] num processo que gera nos espectadores ao mesmo tempo uma reflexão e uma constante revisão de suas posições, de suas escolhas de vida” (Buarque de Almeida, 2003, p. 225). Isso fica claro no comentário:

Eu acho que deveriam de respeitar a família. Imaginem nossos filhos de 5, 8, 10 ou até mesmo 13 e 15 (anos) assistindo beijo de homem com homem, mulher com mulher, roubalheira, prostituições, meninas ficando com homens mais velhos, racismo. Eles vão querer copiar, fazer igual.

No âmbito das ressignificações das representações ficcionais, é até possível que a homossexualidade já faça parte de um repertório compartilhado, porém resta inserir o idoso nesse contexto, para não dizer no contexto geral da sexualidade. Um rápido levantamento dos estudos sobre a relação idosos-telenovela não nos leva muito além dos últimos dez anos, tomando como parâmetro temporal a aprovação do Estatuto do Idoso em 2003. E isso é evidenciado por Daniel Castro (2015a):

a decisão de cortar selinhos e demonstrações de carinho foi tomada depois de pesquisas com grupos de telespectadores realizadas na semana passada. [...] O público aprova as personagens de Fernanda e Nathália, mas com a condição de não vê-las se beijando. [...] As personagens foram totalmente aceitas nos grupos de discussão. São positivas, têm bom caráter. As mulheres ouvidas dizem que elas souberam criar muito bem o filho, Rafael [Chay Suede]. Mas os espectadores rejeitam manifestações de carinho físico. Carinho verbal elas aprovam. Então, vamos evitar os contatos físicos entre as duas personagens daqui pra frente. A trama não muda. “Não há rejeição a elas nem à temática”, diz Ricardo Linhares, coautor de Babilônia.

Além do repúdio à relação entre as idosas, os resultados das pesquisas explicitam um conservadorismo em relação ao papel da mulher, praticamente tomado como natural. Ao mesmo tempo, revelam também a hipocrisia na medida em que a resistência se refere à exposição da condição de homoafetividade. Uma atitude que reflete o posicionamento mercadológico em relação ao idoso, que deve ser respeitado contanto demonstre dinamismo, vitalidade e disposição para atender aos apelos de consumo, que o tornarão mais feliz. Em pesquisa sobre idadismo, Castro (2015b, p. 4) ressalta que “a transformação da terceira idade em segmento de mercado movimenta a economia e enseja novas configurações nas cartografias do consumo”. Promoção de reconhecimento e inserção restritos ao consumo, material em especial, os demais aspectos da vida devendo ser limitados ao doméstico, respondendo a padrões de “boa conduta” e observância da moral e dos bons costumes.

Juntemos a isso os comentários sobre a representação ficcional, e teremos a confirmação do “efeito” reflexo e refração, sinalizando que nem tudo que é disseminado e mobilizado pela mídia é “automaticamente” assimilado pela sociedade. É preciso haver espaço para repercussão do agendamento. Potencializado hoje a partir do ambiente digital.

Fazer uma novela com temas polêmicos dá para se aceitar sim. Pois não assistimos (à) filmes com matança, terrorismo, roubos e tudo mais. Agora do que jeito que estão fazendo essa novela com duas senhoras se beijando, ai já é apelação total. Tudo tem seu limite.⁶

Eu não me sinto agredida em ver dois homens ou duas mulheres se beijando, mas me sinto quando tentam enfiar algo pela minha goela abaixo:

colocar duas anciãs com mais de 80 anos se beijando foi forçação das grossas. [...] mas agora passaram dos limites. Duas velhas de beijo... ridículo. [...] a Rede Globo está cada vez mais com baixaria, por favor, tire a cena do ar e essas duas também [...] DUAS VELHAS SEM VERGONHA JOGARAM A CARREIRA NO LIXO POR CAUSA DO DINHEIRO [...] coitadas... jogaram no lixo, anos e anos atuando, se bem q as duas já estavam muito defasadas e quase esquecidas...⁷

Telenovela é narrativa sobre a família, seus cotidianos, a vida privada e pública, e sobre seu futuro, um futuro que é colocado em xeque quando os espectadores se deparam com “organizações familiares diferentes, num contexto social marcado por padrões familiares mais homogêneos, pelo menos ao nível de sua expressão simbólica” (Barros, 1987, p. 9). Além disso, há que se considerar a simbologia cultural dos avós, “uma espécie de historiadores, ou seja, o elo entre as gerações, pois eles é que transmitem os valores e tradições não só da família como também da sociedade em geral” (Dias, 2002, p. 35-36). No caso das uniões homoafetivas, a presença, em “Babilônia”, de um jovem adotado por um casal de idosas implica em uma situação de estabilidade, não explicitada em representações anteriores. E isso foi demais...

Na verdade os evangélicos não boicotaram a novela como diz a reportagem, a maioria não aprovou o mau gosto do escritor, querer colocar na casa dos brasileiros o q não é certo, em confundir a cabeça das crianças, e adolescentes. O q muito me deixou triste foi ver a cena de beijo das atrizes Nathália Timberg e Fernanda Montenegro duas atrizes consagradas se prestar a um papel nojento desse, no qual elas se esquecem (de) que são mãe e vó. Ridículo os netos verem uma sena (sic) dessa.⁸

Nos comentários, a diversidade, em todos os âmbitos, é colocada no mesmo patamar que opções de comportamento (pouca roupa), aspectos físicos (pessoas bonitas), considerando “interessante” até mesmo o “barraco”, que sabemos acontecer em decorrência de intrigas, ciúme, inveja. O sonho deve continuar: romance água com açúcar.

Além do abuso na abordagem na questão da homossexualidade ... enquanto esta abordagem serviu para se ensinar a respeito das diversas orientações sexuais, tudo bem, mas agora virou apologia. [...] Novela não é espaço para levantar bandeiras ou defender causas. [...] O povo gosta de ver pessoas bonitas com pouca roupa, romance água com açúcar, barraco, e por aí vai...⁹

Posicionamentos interpretados por Nathália Timberg (Estela), embora chocada com a recepção do casal, como sendo decorrentes de um cenário de moral nacional problemático, mas cuja experiência lhe permite ver como caminho para abertura de opiniões:

Por fim, Nathália acredita que o casal lésbico da trama pode ainda proporcionar grandes reflexões para o público até o fim do folhetim, especialmente com a aproximação Estela e Laís (Luisa Arraes), a namorada de Rafael (Chay Suede) criada em uma família conservadora e que rejeitava o casal de senhoras. “Ela está vendo que essas duas senhoras não são dois monstros” (Serra, 2015).

Isso tudo reforça a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre a televisão/tele-novela como novo espaço público, tirando das “mãos dos postos de comando da sociedade o controle e a formação dos repertórios” (Lopes, 2009, p. 23). Ainda citando Castro (2015, p.4), “considera-se indispensável atentar para a dimensão sociocultural da velhice, incluindo de modo especial a participação das imagens mediadas do envelhecimento na constituição das subjetividades contemporâneas”. Tanto é que polêmica continuou em pauta dois anos depois, em uma retomada do assunto em entrevista com Fernanda Montenegro (87 anos de idade, setenta de carreira):

“Eu mesma pedi ao (autor) Gilberto Braga que escrevesse a cena do beijo no primeiro capítulo. Demos um beijinho afetuoso, de amor, sem língua ou qualquer outra coisa. Aí ocorreu aquela rejeição toda, que me surpreendeu” [...]. “O público ficou chocado porque o beijo foi entre duas velhas. Se fosse entre jovens, ninguém reclamaria”.

[...] Fernanda reafirmou que [...] também existiu racismo “velado” por conta dos dois terços de personagens negros do elenco da novela. “Os negros ascendiam com o passar da trama. Era a negritude no protagonismo”, explicou. “Mas só quiseram falar do beijinho das duas senhorinhas lésbicas, meu pai do céu!” (Benício, 2017).

Mas também existiram os prós, o que nos abre a perspectiva de que algo de “bom” restou, na linha de pensamento de Nathália Timberg,

[...] se fossem duas jovens? Haveria tanto alarde? “Ah, mas toda novela agora tem isso?” [...] agora, nas ruas tem todo tipo de coisa e ninguém não tá nem aí. Vc prefere ver gente se beijando independente de idade e sexo ou gente drogada? [...] Uma pena, mas em todo o caso, já entrou para a história. Desejo um mundo com menos ódio, menos intolerância, e mais amor. Fernanda e Nathália, vocês são espetaculares, vocês têm uma história magnífica na TV, cinema e teatro, com papéis inesquecíveis, parabéns. De qualquer forma essa novela, para o bem ou para o mal, já entrou para a história, e daqui a 20 anos, quando olharmos para trás, as pessoas vão rir disso tudo, desse alarde todo, por um simples selinho (assim como criticaram o beijo interracial entre Zezé Mota e Paulo Gustavo na novela “Corpo a corpo” em 1984) (BENÍCIO, 2017).

Considerações finais

Comentários e críticas logo após estreias são bem-vindos ao processo de criação da ficção seriada televisiva, um elemento que a caracteriza como “obra em aberto”. Entretanto, as especulações sobre o que poderia ter ocorrido em relação à “Babilônia” centradas em preconceitos e valores de *status quo* indicam que os limites entre ficcional e real não são tão tênues quanto possa parecer, exigindo estudos e reflexões sobre a recepção que objetivem ir além de apropriações e percepções.

Em estudo sobre a abordagem da homossexualidade nas telenovelas, Santana (2009, p. 9) salienta que a “fórmula de sucesso das personagens lésbicas” é atender a fantasias sexuais masculinas, mostrando o envolvimento de mulheres “jovens, bonitas, desprovidas de muitas roupas e ainda com uma expressão inocente no rosto”. Isso se revela na acidez dos comentários publicados nos *blogs* em relação ao casal de idosas, levando-nos a crer que a representação da homossexualidade nas narrativas ainda não está totalmente assimilada,

sendo referida como uma “onda”, ou ressignificada como imposição de um movimento em prol da aceitação desta variável.

Tal resistência reafirma a diferença entre o que é “desejado” e o que é “aceito”, indicando a necessidade cada vez maior de ampliação dos debates sobre o que seja “moral”, “ética”, “preconceito”. Ao que argumento: “por que a violência, a ambição e a maldade não chocam tanto?”. Porque no entender do espectador, talvez sejam situações mais distantes de suas realidades, das quais se pode de alguma forma escapar, fugir, enquanto questões de relacionamentos, sentimentos são percebidas como menos controláveis, algo a que todos estaríamos igualmente sujeitos.

As opções de consumo televisual, bem como formas de demonstrar o desacordo com o encaminhamento das tramas, aumentaram, assim como a importância dos números do Ibope. Nesse sentido, reforça-se a relação entre conservadorismo, estereótipias, a produção midiática e a manutenção do *status quo*, evidência contrária ao que comumente se propaga sobre a “(má) influência da televisão”.

Aos meios de comunicação não podemos “culpar” nem devemos “atribuir” o que é de responsabilidade prioritária do conjunto das diversas instituições sociais formais, a saber, família e escola. Os índices de audiência somados aos comentários sobre o casal Estela-Teresa somente ratificam o poder relativo das novelas, contrariamente ao que muitos atribuem e acreditam. Temas que eram tabus no começo do século passado continuam a “assombrar” e definir opiniões, o que só aumenta a necessidade de estudos e debates acadêmicos sobre a relação mídia-sociedade. Ainda há muito a fazer quanto à compreensão dos processos de recepção da ficção televisiva, não só no aspecto da “diversidade de telas”, mas em especial do ponto de vista das temáticas e estratégias comunicativas, destacado aqui o grupo social dos idosos, cada vez mais relevante tendo em vista o envelhecimento da sociedade.

Recebido em: 29 maio 2017

Aceito em: 31 jun. 2017

¹ *Tieta*, exibida de 14ago.1989 a 31mar.1990, inspirada no livro de Jorge Amado, *Tieta do agreste*, publicado em 1977.

² Cena disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RstdlvPLGvk>>. Acesso em: jun.2015.

³ Viral: materiais veiculados (normalmente no meio digital) com o objetivo de dar maior visibilidade a um fato, uma marca, um assunto, transformando-se em mensagens que o público compartilha, ultrapassando o sentido original.

⁴ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-faz-operacao-de-salvamento-e-relanca-babilonia-apos-queda-7158>>. Acesso em jun.2015.

⁵ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-recua-e-corta-beijos-e-carinhos-de-idosas-lesbicas-de-babilonia-7331>>

⁶ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-faz-operacao-de-salvamento-e-relanca-babilonia-apos-queda-7158>>. Acesso em jun.2015.

⁷ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-recua-e-corta-beijos-e-carinhos-de-idosas-lesbicas-de-babilonia-7331>>. Acesso em jun.2015.

⁸ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-faz-operacao-de-salvamento-e-relanca-babilonia-apos-queda-7158>>. Acesso em jun.2015.

⁹ Disponível em comentários: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-recua-e-corta-beijos-e-carinhos-de-idosas-lesbicas-de-babilonia-7331>>. Acesso em jun.2015.

Referências

- ARANTES, Marcelo. A culpa dos paulistas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 3 de junho de 2015. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/marcelo-arantes/2015/06/1637590-a-culpa-dos-paulistas.shtml>>. Acesso em: jun. 2015.
- ARENDT, Hanna. **A condição humana**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- AUTOR de “Babilônia” descarta que casal gay seja motivo de baixa audiência. **Pure People**. 4 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/autor-de-babilonia-descarta-que-casal-gay-seja-motivo-da-baixa-audiencia_a54235/1>. Acesso em: jun.2015.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1987.
- BENÍCIO, Jeff. Fernanda Montenegro pediu para beijar Nathália Timberg na TV. **Blog Sala de TV**. 2 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/eu-pedi-o-beijo-gay-revela-fernanda-montenegro,9be5f2d010211e4d2dcf003cc3340180vzbhh6xv.html>>. Acesso em: maio.2017
- BITTENCOURT, Carla. Em “Babilônia”, Consuelo ofende Teresa: “A depravada mais famosa do Brasil”. **Jornal Extra**. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/em-babilonia-consuelo-ofende-teresa-depravada-mais-famosa-do-brasil-16520544.html>>. Acesso em: jun. 2015.
- BUARQUE DE ALMEIDA, Heloisa. **Telenovela, consumo e gênero** – “muito mais coisas”. Bauru: EDUSC, 2003.
- CASTRO, Daniel. Globo recua e corta beijos e carinhos de idosas lésbicas de Babilônia. **Notícias da TV**. 10 de abril de 2015a. Disponível em: <<http://noticias-datv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-recua-e-corta-beijos-e-carinhos-de-idosas-lesbicas-de-babilonia-7331>>. Acesso em: jun. 2015.
- CASTRO, Gisela. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e no Reino Unido. In: COMPÓS, XXIII, 2015, Brasília. **Anais**, 2015b. p. 1-17. Disponível em: <http://compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf>. Acesso em jun. 2015.
- CASTRO, Natalia. Mocinho de “Babilônia”, Thiago Fragoso diz que aprendeu a impor respeito: “Engoli sapo durante anos, hoje quando não gosto de algo eu falo”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2015c. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/mocinho-de-babilonia-thiago-fragoso-diz-que-aprendeu-impor-respeito-engoli-sapo-durante-anos-hoje-quando-nao-gosto-de-algo-eu-falo-16170764>>. Acesso em: jun. 2015.

- COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite** – da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.
- DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**. UFPE, n. 1/2. p. 34-38. Pernambuco, 2002.
- FERNANDES, Guilherme; BRANDÃO Cristina. A homossexualidade no teleteatro brasileiro. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9º, 2013, Ouro Preto. **Anais**, 2013. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-homossexualidade-no-teleteatro-brasileiro>>. Acesso em jun. 2015.
- FERREIRA DE SOUZA, Cinthia. Um novo olhar sobre a questão da homoafetividade nas Telenovelas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVII, 2009, Foz do Iguaçu. **Anais**: São Paulo, Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-0808-1.pdf>>. Acesso em: maio.2015.
- GILBERTO Braga responsabiliza paulistas e Globo pelo fracasso de “Babilônia”. **UOL Notícias**. São Paulo. 31 de maio de 2015. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/05/31/gilberto-braga-responsabiliza-paulistas-e-globo-por-fracasso-de-babilonia.htm>>. Acesso em: jun 2015.
- GUEDIN, Eduardo. Em 10 anos, novelas das nove da Globo perderam 49% de audiência. **TV Foco**. 17 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/em-dez-anos-novelas-da-nove-da-globo-perdeu-49-de-audiencia/>>. Acesso em: maio 2017.
- JUNQUEIRA, Lília; TONDATO, Marcia P. Religiosidade e desigualdades sociais nas telenovelas. In: LOPES, Maria Immacolata V. de (org.). **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009, p.183-214.
- LIMA, Clayton. A corrupção no Brasil vira assunto da novela “Babilônia” e causa polêmica na audiência. **Blasting News**. 26 de abril de 2015. Disponível em: <<http://br.blasting-news.com/tv-famosos/2015/04/a-corrupcao-no-brasil-vira-assunto-da-novela-babilonia-e-causa-polemica-na-audiencia-00366143.html>>. Acesso em: jun.2015.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, USP, São Paulo, ano 3, n. 1, p. 21-47, 2009.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: _____. (Org.) **Telenovela** – internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.
- LOPES, Maria Immacolata V. de; GRECO, Clarice. Brasil: a “TV transformada” na ficção televisiva brasileira. In: _____; OROZOCO GÓMEZ, Guillermo.

- OBITEL – 2016** – (re)invenção de gêneros e formatos da Ficção televisiva. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- MAZZIOTTI, Nora; FREY-VOR, Gerlinde. Telenovela e *soap opera*. **Comunicação & Educação**, USP, São Paulo, n. 6, p. 47-57, 1996.
- MEDEIROS, Lucas. Casal lésbico de “Em Família” é rejeitado pelo público. **TV Foco**. 3 de maio de 2014. Disponível em: <<http://otvfoco.com.br/casal-lesbico-de-em-familia-e-rejeitado-pelo-publico/#ixzz3fXpIZylS>>. Acesso em: jun. 2015.
- MORAES, Marcos. Mudanças na trama fazem a novela “Babilônia” dispararem audiência, registra IBOPE. **Meio Norte**. 2 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.meio-norte.com/entretenimento/novelas/mudancas-na-trama-fazem-a-novela-babilonia-dispararem-audiencia-registra-o-ibope-270129>>. Acesso em: jun.2015.
- MOTTER, Maria Lourdes. O Fim do Mundo: ordem e ruptura. Paper apresentado no **XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. GT - Ficção Televisiva Seriada. Londrina: Setembro, 1996.
- RIBEIRO, Renato Janine. **O afeto autoritário**: televisão, ética, democracia. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- SANTANA, Fernanda Castilho. Considerações em torno da abordagem do homossexualismo feminino da ficção televisiva brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais**: São Paulo, Intercom, 2009. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1221-1.pdf>>. Acesso em maio 2015.
- SERRA, Amanda. "Novela não acaba com preconceito", diz Timberg sobre crise de "Babilônia". **UOL Notícias**. 4 de junho de 2015. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/04/novela-nao-acaba-com-preconceito-diz-timberg-sobre-crise-de-babilonia.htm>>. Acesso em: maio 2017.
- SILVA, Lucas et al. A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na região Nordeste, XVI, 2014, João Pessoa. **Anais ...**: São Paulo, Intercom, 2014. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1253-1.pdf>>. Acesso em maio. 2015.
- STYCER, Maurício. Má gestão da crise e novos rumos transformam “Babilônia” em novela zumbi. Blog **Maurício Stycer**. 22 de junho de 2015 Disponível em: <<http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2015/05/22/ma-gestao-da-crise-e-novos-rumos-transformam-babilonia-em-novela-zumbi/>>. Acesso em: jun 2015.